

Diálogos entre Lina Bo Bardi e o espírito da Ladeira da Misericórdia em Salvador

Danielle Cotarelli Marostiga

Orientação: Prof. Dr. Rovenir Bertola Duarte e Prof. Ms. Isabella Caroline Januário (UEL).

Pesquisa: Ensaio desenvolvido na disciplina de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo IV cursada na UEL em 2019.

O conceito de "espírito do lugar" de Christian Norberg-Schulz foi essencial para o resgate da importância contextual entre os arquitetos e urbanistas em suas práticas projetuais. Este ensaio revisa a proposta desenvolvida por Lina Bo Bardi para a Ladeira da Misericórdia em Salvador, em 1987, a fim de compreender o obstáculo entre a codificação da imagem do "espírito do lugar" por meio do projeto arquitetônico e a recepção de seus expectadores a partir da materialização do projeto construído. Diferentemente de outros projetos da arquiteta, a Ladeira

da Misericórdia encontra-se atualmente em estado de abandono e isolamento, embora a ideia original de sua proposta tivesse sido revitalizar uma área no centro histórico tradicional da cidade. Apoiado na revisão de literatura, na análise do projeto e dos valores por ele comunicado, o trabalho questiona o porquê de sua atual situação. Propõe-se dessa maneira argumentar sobre a assimilação do "espírito do lugar" que se relaciona diretamente com as ações de projeto e, principalmente, com a aceitação da obra pelo público.

Dialogues between Lina Bo Bardi and the spirit of Ladeira da Misericórdia in Salvador

Christian Norberg-Schulz's concept of "spirit of the place" was essential to the rescue of contextual importance among architects and urban planners in their design practices. This essay reviews the proposal developed by Lina Bo Bardi for the Largo da Misericórdia in Salvador, in 1987, in order to understand the obstacle between the codification of the image of the "spirit of the place" through architectural design and the reception of its spectators from the materialization of the work built. Unlike other designs of the architect, the Ladeira da Misericórdia is currently abandoned and isolated, though the proposal's original idea had been the revitalization of an area in the traditional historical center of the city. Supported by the literature review, in the design analysis and the values it communicates, this work questions the reasons for its current situation. The proposal, therefore, is to argue about the assimilation of the "spirit of the place" that directly relates to the design actions, and mainly, to the acceptance of the work by the public.

Diálogos entre Lina Bo Bardi y el espíritu de Ladeira da Misericórdia en Salvador

El concepto de "espíritu del lugar" de Christian Norberg-Schulz fue esencial para el rescate de la importancia contextual entre arquitectos y urbanistas en sus prácticas de diseño. Para comprender el obstáculo entre la codificación de la imagen del "espíritu del lugar" a través del diseño arquitectónico y la recepción de sus espectadores de la materialización del proyecto construído, este ensayo revisa la propuesta desarrollada por Lina Bo Bardi para el Cerro de la Misericordia en Salvador, en 1987. Actualmente se encuentra en un estado de abandono y aislamiento, a diferencia de sus otros proyectos arquitectónicos. La propuesta serviría como revitalización de un área en el centro histórico tradicional de la ciudad. Apoyado en la revisión bibliográfica, en el análisis del proyecto y los valores comunicados por el mismo, el trabajo cuestiona el porqué de su situación actual. Se propone así argumentar sobre la asimilación del "espíritu del lugar" que se relaciona directamente con las acciones del proyecto y sobre todo, con la aceptación de la obra a través del público.

INTRODUÇÃO

O centro histórico de Salvador foi classificado como Patrimônio da Humanidade pela Unesco em 1985. No ano seguinte, o então prefeito Mario Kertész, aproveitando tal momento, convidou a arquiteta Lina Bo Bardi para traçar um Plano de Recuperação para o Centro Histórico da Bahia. O objetivo principal da proposta era a reabilitação de edificações em estado de degradação, a fim de prover condições dignas de habitação e qualidade urbana para o centro histórico de Salvador. O projeto foi desenvolvido em parceria com o arquiteto João Filgueiras Lima (Lelé) e colaboração dos arquitetos Marcelo Carvalho Ferraz e Marcelo Suzuki, entre 1986 e 1987.

Lina, então, planejou diversos projetos pontuais para a recuperação de praças e regiões que se encontravam em condições de degradação. Dentre esses, a Ladeira da Misericórdia foi o projeto-piloto de todo esse grande planejamento.

Neste tempo, Lina Bo Bardi já era uma das arquitetas mais renomadas do país, conhecida por construir ambientes dinâmicos, como o projeto para o Sesc Pompeia finalizado em 1986. Entretanto, a obra para a Ladeira da Misericórdia revelou-se menos bem-sucedida quando comparadas aos demais projetos da arquiteta ítalo-brasileira, principalmente sob o ponto de vista do isolamento urbano e da falta de vitalidade e uso do espaço. Atualmente o local se encontra fechado à população, com edificações sem uso e em estado de abandono. Assim, um enigma emerge aqui: como uma obra com tamanha qualidade arquitetônica, em um rico contexto histórico, produzida por uma arquiteta, e equipe, talentosa e experiente, se encontra em tal situação?

No sentido de trazer alguma luz para a questão, ainda que de fato não a resposta, propomos perguntar ao próprio lugar, ao espírito que ali habita. A arquitetura se conecta com as necessidades funcionais, materiais e contextuais, como conceitua o arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz (1979), com o espírito do lugar (*genius loci*). Para ele, o *genius loci* seria como um espírito guardião que confere vida ao lugar e o acompanha desde o nascimento, determinando suas características e essências. Norberg-Schulz

entende a necessidade da arquitetura de dialogar com o espírito, entendê-lo e conseguir responder a ele. Vemos então, que antes de tudo, a arquitetura precisa se dobrar ao espírito do lugar, um espírito que não se encontra na obra, mas que está ali antes mesmo dela existir.

Diante desse enigma, busca-se recuperar as características do projeto — formas, espaços, valores entre outras — com o intuito de entendermos o diálogo entre o espírito do lugar, a obra e as pessoas que ali vivem. É por essa perspectiva que este ensaio busca discutir conceitos apresentados por Norberg-Schulz (1979), Tuan (2012), Lynch (1997), Siqueira (2001) e Lima (2009) para compreender o processo de interpretação do lugar e de comunicação entre imagem e espectador.

A LADEIRA

Localizada no centro histórico de Salvador (BA), a Ladeira da Misericórdia era um dos principais caminhos existentes entre a Cidade Alta e a Baixa desde o século XVI. Porém, devido a sua inclinação íngreme e sua localização, marginal ao centro turístico, o local entrou em declínio, isolamento e foi fechado ao público. Desde o início, Lina Bo Bardi propôs recuperar o centro histórico envolvendo pontos estratégicos da região visando a requalificação das antigas edificações por meio de diferentes usos — institucionais, culturais, habitacionais, comerciais e mistos —, a fim de reconectar o tecido urbano com esse dinamismo. Além disso, a arquiteta almejava preservar a "alma popular" soteropolitana, evitando um centro histórico similar a um cenário (FERRAZ, 1993).

De acordo com Constanti (2020) o plano geral visava o desenvolvimento dos seguintes projetos: o Belvedere da Sé; o piloto da Ladeira da Misericórdia; o projeto Barroquinha; o conjunto do Benin; a Casa do Olodum; a Fundação Pierre Verger; a Casa de Cuba na Bahia; a Casa da Bahia em Cuba; e a Casa da Bahia no Benin. Segundo o mesmo autor, alguns dos projetos — como a Fundação Pierre Verger, a Casa de Cuba da Bahia entre outros — não se concretizaram ou foram desenvolvidos de forma paralela.

O projeto piloto para a Ladeira da Misericórdia, por sua vez, foi implementado. A partir dele, restaurou-se três casas e um bar existentes, criou-se o restaurante Coaty e deu-se nova destinação aos usos dos lotes. Nesse projeto Lina intervém de forma clara, propondo a distinção entre o edifício histórico e o novo com o uso dos contrafortes em concreto armado plissado do bar e do restaurante, que divergem da parede de vedação, mantendo ainda o valor arquitetônico, conforme apresenta a Carta de Veneza (1964).

ORIENTAÇÃO E ASSOCIAÇÃO

Para Lina Bo Bardi, o sentido de preservação considera o passado como um presente histórico, de forma que a partir do antigo é possível traçar o novo, utilizando-se de técnicas para distinguir o novo e o velho (LIMA, 2009). Mas como a história pode permanecer viva no presente? Acreditamos que o caminho seria, então, conhecer a fundo a essência do contexto, portanto, seu espírito.

Neste estudo, o conceito de "lugar" e seu estudo fenomenológico é o ponto de partida da investigação. Segundo Norberg-Schulz, "o lugar é a concreta manifestação do habitar humano" (1979, p.6), considerando arquitetura como a utilização do lugar. O autor denomina "*genius loci*" o espírito que dá vida as características e essências à personalidade de um lugar. O ambiente possui um espírito, de modo que traduzimos nas construções a sua essência. Para ele existe uma relação lógica entre o edifício e o lugar: o macrocosmo é a representação do meio ambiente, já o microcosmo representa as construções feitas pelo ser humano, sendo elas a tradução dos significados.

Habitamos poeticamente quando somos capazes de entrar em contato com a revelação das coisas que compõem o nosso ambiente, quando nos identificamos com o mesmo e nos sentimos confortáveis (NORBERG-SCHULZ, 1979). Para serem significativas, as invenções humanas devem ter propriedades que sejam similares a outros aspectos da vida real. Se não for esse o caso, as invenções podem se isolar em um mundo puramente artificial e

perder contato com a realidade, mostrando uma imagem fraca derivada de um sistema de representação falho em que as pessoas se sentem perdidas.

A identificação e orientação são os primeiros aspectos para nos sentirmos parte do mundo, no qual "identificação" é basicamente "pertencer ao lugar", portanto, o ato de se sentir confortável no ambiente. Assim, o *genius loci*, de acordo com Norberg-Schulz (1979) se manifestaria de três formas: na localização, na configuração espacial e nas características de articulação, normalmente relacionadas a algo já experienciado. Tudo isso auxilia no nosso processo de identificação e orientação no espaço tornando-o algo significativo.

Ainda sobre a ideia de identificação e orientação, Norberg-Schulz afirma que o material construtivo, a forma, a textura e a cor determinam o caráter do espaço. No entanto, depende de como as coisas são feitas e das técnicas do lugar. O autor também afirma que a janela é o elemento no qual o *genius loci* está presente, pois permite a comunicação entre exterior e interior, conversando e orientando – expressando não somente a estrutura espacial do prédio, mas sua relação com o macrocosmo.

Ao estender este debate para a escala da cidade, considerando o caso da Ladeira em Salvador, são fundamentais os estudos de Kevin Lynch, publicados originalmente em 1960, no livro "A imagem da cidade". Os conceitos apresentados pelo autor são componentes básicos de orientação espacial. O primeiro deles são os "caminhos" que, segundo ele, "são canais ao longo dos quais o observador costumeiramente, ocasionalmente, ou potencialmente se move. Podem ser ruas, calçadas, linhas de trânsito, canais, estradas-de-ferro" (LYNCH, 1960, p.47). Já os "limites" são elementos de barreira na paisagem urbana, e os "bairros" que se conceitua como uma região homogênea em relação ao resto da cidade. O conceito de "pontos nodais" que são pontos estratégicos da região e, por fim, os "marcos" que são pontos singulares com aspectos memoráveis para o observador. A interrelação desses elementos gera uma imagem do ambiente, e segundo o autor, uma boa imagem ambiental permite ao observador um importante senso de segurança emocional (LYNCH, 1960).

Ademais, Lynch também destaca a importância da percepção do observador. Para ele as imagens ambientais resultam de um processo entre o observador e o meio ambiente, em que o primeiro seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê, ou, talvez, àquilo que o espírito lhe inspira. Logo, a imagem desenvolvida por ele limita e enfatiza o que é visto, assim, a imagem de uma determinada realidade pode variar consideravelmente entre observadores diferentes (LYNCH, 1960).

A articulação espacial e o processo de tornar o espaço significativo são elucidados por Norberg-Schulz num trecho do seu livro, em que esboça claramente a relação entre identificação do espaço existente e o significado do mesmo para o observador.

O arquiteto norte-americano de origem alemã, Gerhard Kallman, certa vez contou uma história que ilustra bem essa situação. Ao visitar sua cidade natal, Berlim, no final da Segunda Guerra Mundial, depois de muitos anos de ausência, ele quis rever a casa em que crescera. Como era de esperar, tratando-se de Berlim, a casa tinha desaparecido, e Kallman se sentiu um pouco perdido. De repente, ele reconheceu o desenho típico das calçadas: o chão em que brincava quando criança e teve a forte sensação de, enfim, voltar para casa. Essa história nos mostra que os objetos de identificação são propriedades concretas do ambiente e que as pessoas geralmente desenvolvem relações com elas durante a infância. (NORBERG-SCHULZ, 1979, p.21).

Para Norberg-Schulz (1979), as artes e a arquitetura são representações de sistemas culturais com significantes que denotam significados. Da mesma maneira, Siqueira (2001) entende que a percepção das formas está relacionada com o que já estamos familiarizados, associando determinada imagem a uma sensação específica. Como reflexo sociocultural, a arquitetura expressa o estilo de vida e os valores de seus usuários que podem ser notados através de uma análise da organização e da forma do espaço interior.

Em direção semelhante, Tuan (2012) observa que a consciência do passado é importante para se construir o amor pelo lugar; talvez podemos pensá-la como uma pista deixada pelo espírito. O autor afirma que para avaliar como as pessoas respondem aos seus ambientes urbanos, precisamos conhecer os tipos de atividades que ocorrem no lar, nas ruas e nos lugares de trabalho e de diversão. A percepção e o julgamento do ambiente entre nativos e visitantes, por exemplo, mostram pouca coincidência porque suas experiências e propósitos são diferentes. De algum modo, podemos especular que o espírito dos lugares não se revela facilmente a qualquer visitante, como um cuidadoso guardião, se mostra apenas aos seus nativos.

Sabe-se que Lina Bo Bardi é reconhecida pela sua compreensão de contextualização de suas obras e por apresentar expressiva vitalidade (LIMA, 2009), tornando-se referência para ilustrar os conceitos de "espírito do lugar" até aqui mencionados. De acordo com Lima (2009), em seu estudo de relações simbólicas, Lina possuía um processo de criação no qual o sentido de belo só era válido quando atendia as necessidades do indivíduo.

Sua arquitetura partia do pré-existente e buscava contextualizar a obra com os desejos do ser humano, numa visão antropológica, visando amenizar as deficiências socioculturais. Sua concepção do projeto era sempre crítica, mas imbuída de uma poética oriunda na história na cultura local. (LIMA, 2009, p.1).

Em suma, os conceitos mencionados aqui se tornam relevantes para a análise seguinte sobre o projeto da Ladeira da Misericórdia, a fim de indagar sobre sua representação cultural no processo projetual, sua assimilação pelo público e sua atual situação.

OS PROJETOS E O LUGAR

A Ladeira da Misericórdia era um projeto piloto, pois a intenção da arquiteta era usar o resultado da restauração como amostra do que poderia ser feito no centro histórico de Salvador. As residências que se encontravam em melhores condições

estruturais foram restauradas, mantendo seu caráter colonial. A edificação que se encontrava em ruínas, localizada entre duas das residências, foi transformada no Bar dos Três Arcos, mantendo sua fachada e parede dos fundos. Da mesma forma, foi construído o restaurante Coaty, que se encontra ao lado de uma das casas, com acesso por um muro em ruínas, que faz parte da sua fachada (FIG. 1). No platô acima do muro foi construído o restante do restaurante, onde já havia uma mangueira, que acabou sendo incorporada ao projeto.

Se o espaço apresenta uma representação cultural, aqui denominada de microcosmo, então ele é constituído por caracteres singulares como forma, sons, sabores, odores, texturas entre outros. Conforme as ideias de Norberg-Schulz (1979), percebe-se que a "agrabilidade" de um lugar é dada pela concretização dos significados gerados pelo seu espaço e caráter, sendo esses relacionados ao que já estamos familiarizados, permitindo, dessa maneira, uma identificação com o lugar.

Observa-se que a estrutura da Ladeira da Misericórdia é a mesma da região histórica, porém em ruínas e cercada por vegetação, gerada por uma implantação típica de colonização portuguesa, com um espaço edificado contínuo em que as construções se encontram no alinhamento predial. Esse cenário evidencia as relações de cheios, típicas dos centros urbanos históricos, onde todos os prédios se conectam uns aos outros com massas densas e volumosas que não deixam espaço para o vazio, criando uma barreira em fita que guia quem por ali transita. Ao manter as ruínas no Bar dos três Arcos e não reerguer uma edificação nova, a arquiteta e equipe deixaram de substituir a massa antes ali existente e acabaram por atribuir um valor ao vazio intersticial apresentado. O limite antes denso e retilíneo se quebra, torna-se poroso em meio ao espaço edificado.

Contudo, a arquiteta ainda propõe uma nova construção, o restaurante Coaty, em meio ao vazio existente, a fim de preenchê-lo, reproduzindo a massa edificada anterior, mas de forma diferente, a partir de uma forma cilíndrica. Ao optar por não substituir da mesma maneira que as edificações coloniais, inserindo um volume baixo, cilíndrico de concreto, elevado por

um muro de pedra, Lina construiu um novo vazio para o lugar. Na realidade, pode-se dizer que o restaurante, pelo formato e materialidade, claramente se distingue do entorno, dificultando seu reconhecimento como algo pertencente ao lugar. Ainda que Lina tenha arriscado ao dar continuidade ao alinhamento predial, mantendo o muro existente, o projeto do Coaty, com sua geometria curvilínea, acaba gerando outro vazio no local. Isso destoia de algum modo com o *genius loci* estabelecido, visto que acrescenta uma nova peça com formato cilíndrico, apresentando ruído na relação com a região. Essa pode ser considerada uma estratégia de mínima intervenção, em que o reconhecimento do lugar fica quase como segundo plano.

Analisando com mais atenção o espírito do Centro Histórico de Salvador, é fácil identificar a predominância de linhas retas presentes nos volumes, nas ruas e até mesmo nas janelas (FIG. 2). Lina Bo Bardi escolheu seguir essa lógica para manter as antigas casas da Ladeira da Misericórdia com suas características temporais, assim, ela conservou os volumes das edificações retangulares que se encontravam em ruínas, poucas alterações foram feitas. Desse conjunto de edificações do projeto da Ladeira da Misericórdia, o único que se diferencia de todo o entorno cúbico é o restaurante Coaty, com sua convexidade e fenestrações ameboides, que contrastam em meio às características locais.

Lembremos que o espírito do lugar também está presente nos materiais utilizados e no modo de construir. As edificações do Centro Histórico de Salvador e das residências recuperadas pela Lina na Ladeira da Misericórdia possuem uma arquitetura vernacular com alvenaria de pedra já envelhecida, contrastando com os contrafortes de argamassa armada do restaurante e do Bar do Três Arcos. É possível perceber que a arquiteta vai de encontro ao espírito existente quando busca trabalhar a materialidade, mesmo que adotando um posicionamento crítico às intervenções e distinguindo-a a fim de marcar a temporalidade. A alvenaria, diferente da argamassa, tem sua familiaridade, é aconchegante, já a argamassa armada é fria, rugosa e escura, mas que ao mesmo tempo, se aproxima das paredes de pedra.

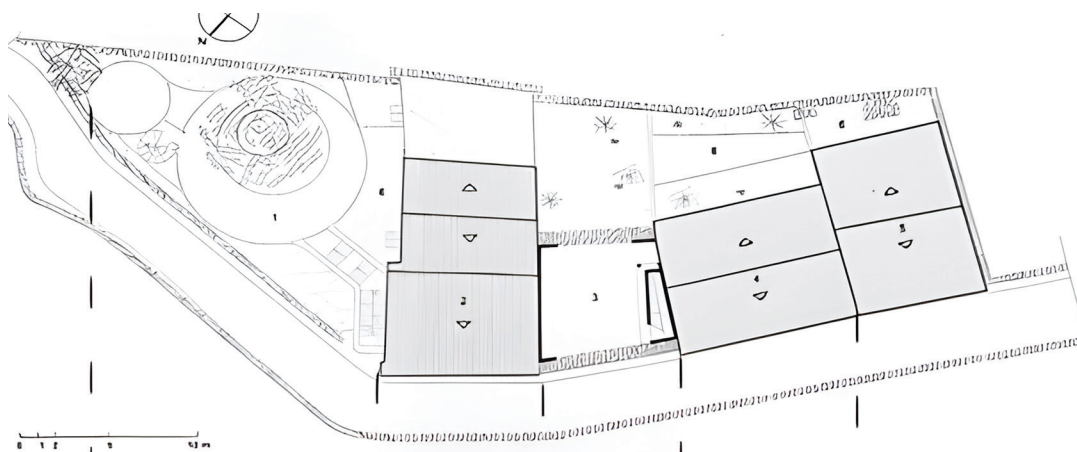


FIG. 1: Implantação e vista do projeto piloto para recuperação da Ladeira da Misericórdia – destaque para as edificações densas e volumosas de implantação colonial, com os vazios alterados por Lina Bo Bardi
Fonte: OLIVEIRA, 2014, p.150 e INSTITUTO LINA BO BARDI E PM. BARDI, 1988

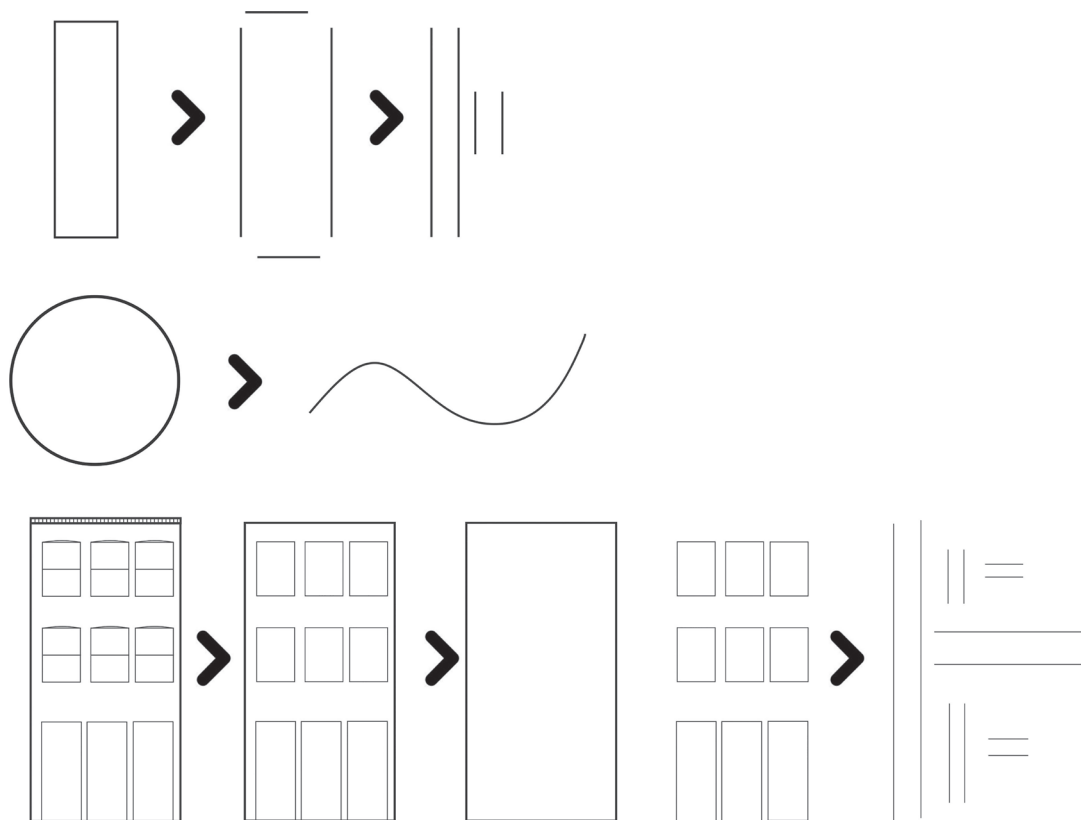


FIG. 2: Diagramas de decomposição das formas que geram o lote típico do Centro Histórico de Salvador, do Restaurante Coaty e das fachadas das residências vernaculares.
 Fonte: Elaborado pela autora.



FIG. 3: Restaurante Coaty e suas janelas ameboides.
Fonte: INSTITUTO LINA BO BARDI E PM. BARDI, 1989.



FIG. 4: Janelas típicas das edificações históricas de Salvador.
Fonte: O QUE FAZER..., 2021.



FIG. 5: Vista da Ladeira da Misericórdia em que podemos perceber a continuidade dos níveis das janelas, ao mesmo tempo que seguem a declividade da ladeira.

Fonte: INSTITUTO LINA BO BARDI E PM. BARDI, 1988. Editado pela autora.

A janela é um importante elemento no interior do Coaty. Lina propôs a comunicação entre interno e externo, filtrando a luz e o vento. Nesse sentido, as janelas se abrem para as vistas da cidade, orientando sua visão para o mar — certamente um marco dentro do lugar —, para as edificações da parte baixa da cidade e para o caminho que conecta a parte alta e a baixa. A janela acaba por servir de orientação dentro da implantação labiríntica.

Ao adotar janelas com formas ameboides, a arquiteta difere do arquétipo retangular presente nas edificações típicas de Salvador. A janela colonial tradicional nos remete a um conforto de reconhecimento da forma, apoiado no uso comum. Contudo, os buracos ameboides de Lina trazem um certo desconforto, pois não são facilmente legíveis (FIG. 3 e 4), emitindo um significado que destoa do que estamos familiarizados.

Por fim, é interessante notar como a arquiteta buscou dar ênfase à vista, não apenas preenchendo o vazio existente, mas também padronizando e enquadrando a vista. Lina Bo Bardi e a equipe mantiveram em mesmo nível as aberturas e a entrada do restaurante Coaty, bem como as janelas do Bar dos Três Arcos com as demais edificações do local, de forma a respeitar o alinhamento colonial padrão existente nas casas antigas e a vista da Ladeira da Misericórdia (FIG. 5).

Sem dúvida, Lina identificou uma potência na cidade, que está em constante transformação e melhorias. Não é à toa que a arquiteta determinou novos usos ao local. O projeto proposto por ela gera uma nova orientação à população, tanto para o habitante quanto para o turista, alterando a circulação e o fluxo local para algo novo, integrando-o novamente no tecido da cidade.

Nesse contexto, sabe-se que é mais difícil habitar e conviver com o lugar quando os habitantes não se reconhecem, não leem e não interpretam o mesmo, evidenciando um certo ruído entre a comunicação e o lugar. A identificação e orientação são cruciais para nos comunicarmos e nos sentirmos parte do mundo. Em última análise, sabemos que Lina é uma das maiores referências em captar a vivência e a energia dos lugares em que projetou, porém, o ato de emissão e recepção de referências históricas e do

espírito do lugar é sempre diferente, já que as pessoas possuem leituras diversificadas dos lugares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, vimos que a arquiteta ansiava por marcar o tempo em que é realizada a intervenção. Lina não falsifica a história, muito menos utiliza da cultura arquitetônica estereotipada para formular esse falso histórico. Com isso, a orientação, a configuração espacial e a articulação se transformam, o ambiente se torna mais poroso, os símbolos representados se diferem do habitual, o que dificulta a assimilação e a associação para o entendimento do espaço.

A arquiteta lê o espaço de forma potencial, conversa com o espírito do lugar de forma clara, mas sua resposta se dá de forma incompleta, já que, em algumas circunstâncias, se utiliza de abordagens que contrastam com as características locais. Sabemos que a leitura de um lugar depende diretamente da maneira individual como as pessoas conseguem traduzir esse espaço, podendo dificultar o processo de assimilação do público, algo que pode ter ocorrido no projeto da Ladeira da Misericórdia.

Propomos, desse modo, argumentar em favor de que a assimilação do "espírito do lugar" se relaciona diretamente com a aceitação da obra por meio do público. Torna-se essencial o posicionamento da cidade com relação ao projeto, de forma que auxilie na inclusão do mesmo pela população.

REFERÊNCIAS

- CARTA DE VENEZA, 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: set. 2019.
- CONSTANTI, Andressa Pinheiro. **Intervenção em sítios do patrimônio histórico**: projeto-piloto da Ladeira da Misericórdia em Salvador. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Brasília, 2020.
- FERRAZ, Marcelo Carvalho (Org.). Lina Bo Bardi. São Paulo: Empresa das Artes, 1993.
- INSTITUTO LINA BO BARDI E PM. BARDI. Acervo Digital do Instituto Bardi. Disponível em: www.institutobardi.com.br/busca_banco.asp. Acesso em: set. 2019.
- LIMA, Evelyn Furquim Wernek. Estudo de relações simbólicas entre espaços teatrais e contextos urbanos e sociais com base em gráficos de Lina Bo Bardi. **Arquitextos — Vitruvius**, São Paulo, n.107.03, ano 9, abr. 2009. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.107/58>. Acesso em: set. 2019.
- LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: The MIT Press, 1960.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture**. New York: Rizzoli, 1979.
- OLIVEIRA, Olívia de. **Lina Bo Bardi**: obra construída. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2014.
- O QUE FAZER no Pelourinho — Salvador: roteiros e dicas! **TransPortal**, 8 jul. 2021. Disponível em: <https://www.transportal.com.br/noticias/rodoviaria-salvador/o-que-fazer-no-pelourinho/>. Acesso em: maio 2022.
- SIQUEIRA, Luciane. A expressão sócio-cultural na imagem da arquitetura do ocidente de finais de séculos XIX e XX. 2001. **Arquitextos — Vitruvius**, São Paulo, n.012.10, ano 1, maio 2001. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.012/896>. Acesso em: set. 2019.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. 1. ed. Londrina: Eduel, 2012.

SOBRE A AUTORA

Aluna de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL).
dani.marostiga@gmail.com